

Citemor - 32º Festival de Montemor-o-Velho // 23 de Julho a 14 de Agosto 2010

Sexta 23 Julho 22:30 Teatro Esther de Carvalho
NORBERTO LOBO

Sábado 24 e Domingo 25 Julho 22:30 Espaço X
«SIMULACROS»
SUSANA VIDAL
co-produção, residência de criação, estreia

Quinta 29 e Sexta 30 Julho 22:30 Sala B
«SINGLE»
MALA VOADORA, direcção de Jorge Andrade
co-produção, residência de criação, estreia

Sábado 31 Julho e Domingo 1 Agosto 22:30 Espaço X
«MORRO COMO PAÍS»
COLECTIVO 84, direcção de John Romão
co-produção, residência de criação, antestreia

Quinta 5 a Sábado 14 Ago 17:00/22:00 (de Quinta a Domingo) Galeria Municipal
«MUSEOS DEL SILENCIO»
ELENA CÓRDOBA e SYLVIA CALLE
co-produção, residência de criação, estreia

Quinta 5 Agosto 22:30 Teatro Esther de Carvalho
«LA MUJER DE LA LÁGRIMA»
ELENA CÓRDOBA
estreia nacional

Sexta 6 e Sábado 7 Agosto 22:30 Sala B
«EL LUGAR Y LA PALABRA. CONVERSACIÓN INTERFERIDA. BEIRUT»,
seguido de «IMPROMPTUS» e «TIEMPOS COMO ESPACIOS»
FERNANDO RENJIFO
co-produção, residência de criação, estreia nacional

Domingo 8 Agosto 22:30 Teatro Esther de Carvalho
«NOVA CRIAÇÃO 2010»
FRANCISCO CAMACHO
co-produção, antestreia

Quinta 12 e Sexta 13 Agosto 22:30 Espaço X
«TODO LO QUE SE MUEVE ESTÁ VIVO», seguido de «EXPULSADAS DEL PARAÍSO»
ELENA CÓRDOBA
co-produção, residência de criação, estreia

Sábado 14 Agosto 22:30 Praça da República
«ARROZ NEGRO remix»
TIAGO PEREIRA
co-produção

14 Ago 23:00 Praça da República
DIABO NA CRUZ

<http://citemor.blogspot.com>

BLOG CITEMOR

Cláudia Galhós, Pablo Caruana Húder (escrita), Susana Paiva (fotografia), Hugo Barbosa e Pamela Gallo (video)

Sexta 23 Julho 22:30 Teatro Esther de Carvalho
NORBERTO LOBO

Norberto Lobo presenteia-nos com um concerto intimista, onde o dedilhar da guitarra acústica cria um ambiente familiar. A guitarra quase que fala para nós. Com influências do folk e do blues, de Carlos Paredes, John Fahey e Charley Patton, o guitarrista lisboeta faz uma abordagem simples e directa da interpretação, entrando em perfeita comunhão com o público. Norberto Lobo já nos havia prendido com “Mudar de Bina”, lançado em 2008, mas é com “Pata Lenta”, um disco centrado na sonoridade da guitarra acústica, que ele nos conquista. A técnica é simples, os elementos aparentemente contraditórios mas em completa harmonia. Há espaço para mostrar a ruralidade do Portugal profundo. E um “Unravel” de Björk despido de qualquer complexidade. Um auto-didacta, artista curioso, obcecado pela melodia, com música cheia de significado. Este é Norberto Lobo.

Cláudia Teixeira

site: <http://www.myspace.com/norbertolobo>

> Bilhete: 10 euros Bilhete com desconto: 7 euros
(desconto aplicável a menores de 25 anos, estudantes e profissionais das artes do espectáculo)

24 e 25 Jul 22:30 Espaço X
«SIMULACROS»
SUSANA VIDAL
co-produção, residência de criação, estreia

Estamos a simular que trabalhamos, que amamos, que odiamos, que fodemos, que queremos, que criamos, que somos artistas, pais, modernos, pais modernos, inovadores e únicos. Estamos a simular que fazemos um espectáculo, estamos a simular que podemos mudar o mundo. Simulamos cada vez melhor que estamos aqui. Estamos a simular...

Não pensas em ser puta quando fores grande, não pensas em ter um filho deficiente, não pensas em ter um acidente, não pensas em perder a quem amas. Não pensas em ser nem tímido nem fracassado. Não pensas em não ter ideias brilhantes e inovadoras. Nem te imaginas a não ser uma artista. Nem te imaginas a não viver em liberdade ou numa guerra. Não pensas em sentir-te infeliz. Mas ao mesmo tempo, por esquisito que pareça, passamos o tempo a evitar a infelicidade, a morte, a dor, o medo... ou pelo menos tentamos!
Há coisas que nunca queres ser, fazer ou converter. Há coisas que nunca queres que aconteçam, parece que sempre acontecem aos outros mas, de repente, um dia acontecem-te...

Susana Vidal

Criação, direcção e texto: Susana Vidal
Intérpretes: Carla Ribeiro, Maria João Garcia
Composição sonora e direcção artística: Alberto Lopes
Espaço cénico, adereços e figurinos: Eric Costa
Desenho de luz e imagem: Alexandre Coelho
Produção executiva: Mafalda Sebastião
Co-produção: Sociedade Informal e Citemor

Bilheteira no Teatro Esther de Carvalho e transporte em autocarro para o local do espectáculo

> Bilhete: 10 euros Bilhete com desconto: 7 euros
(desconto aplicável a menores de 25 anos, estudantes e profissionais das artes do espectáculo)

Quinta 29 e Sexta 30 Julho 22:30 Sala B

«SINGLE»

MALA VOADORA

co-produção, residência de criação, estreia

O Imperador Haile Selassie reina na Etiópia, soberano, entre 1930 e 1974.

Vive com a sua corte e estabelece rotinas. O protocolo, o guarda-roupa, os carros. Seguindo um horário rigoroso, audiências, nomeações, denúncias. O tempo dedicado aos animais de estimação: leões, leopardos, panteras, aves do paraíso, flamingos, um papa-formigas. O Imperador é único, como o Sol. Um cargo é uma honra. Ser Ministro da Pluma, Ministro das Finanças, Reverendo Tesoureiro. Ser responsável por abrir as portas pelas quais o Imperador passa, ou por colocar uma determinada almofada debaixo dos seus pés em função da altura de cada trono. Ser Chefe do Serviço Áulico de Espionagem, *Imperial Body Guard*, Grande Mordomo da Corte, Funcionário de Protocolo nos cortejos. Limpar o xixi do lulu dos sapatos dos dignitários para que eles possam continuar a agir imperturbáveis, não denunciando qualquer incómodo.

O povo passa fome. Tornam-se públicos os benefícios concedidos pelo Ministério do Alto Privilégio. Sabe-se da existência de avultadas contas bancárias do Imperador em bancos estrangeiros. Em 1969, há uma revolta estudantil. Dizendo agir “em nome do Imperador”, o exército junta-se ao movimento de renovação oposicionista. Entretanto, o regime avança nos planos de uma barragem no Nilo “em nome do progresso”. Os dignitários vão sendo detidos, desertificando-se a corte. Os que restam organizam-se em sessões de ginástica (pequenos grupos, para evitar detenções em massa) e iniciam-se os preparativos para a grande festa do 82º aniversário do Imperador. Nesse dia chove. Decorre o ano de 1974. A Comissão Militar Provisória destrona o Imperador, que se limita a afirmar: se a revolução for boa para o povo, concordo com ela.

Direcção: Jorge Andrade

a partir de “Cell Block, Egospheres, Self-Container: The Apartment as a Co-Isolated Existence” de Peter Sloterdijk e “The Emperor” de Ryszard Kapuściński

com Anabela Almeida, Bruno Huca, Flávia Gusmão, Jorge Andrade, Marco Paiva, Miguel Damião, Pedro Gil e Tânia Alves

Cenografia e figurinos: José Capela

Direcção de produção: Manuel Poças

Co-produção: Mala Voadora e Citemor

A mala voadora é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direcção Geral das Artes.

A mala voadora é uma estrutura associada da Associação Zé dos Bois (ZDB).

site: <http://malavoadora.blogspot.com>

> Bilhete: 10 euros Bilhete com desconto: 7 euros

(desconto aplicável a menores de 25 anos, estudantes e profissionais das artes do espectáculo)

Sábado 31 Julho e Domingo 1 Agosto 22:30 Espaço X

«MORRO COMO PAÍS»

COLECTIVO 84

co-produção, residência de criação, antestreia

Hoje, a morte e a noção de fim cruzam-se em permanência no quotidiano, sem ninguém parar ou reparar atentamente. A morte é como um gelado derretido no passeio, não se pode provar e quando passamos ao seu lado não queremos lambê-lo. "Morro como país" (1978), texto do dramaturgo grego contemporâneo Dimítris Dimitriádis, fala da morte de um território devastado pela guerra civil, pela corrupção política e pela subversão da moral, figuração trágica numa espécie de amálgama de todas as perversões e subversões. Foi a partir deste texto que começámos a escrever a nossa própria proposta, que junta o sabor doce da decadência absoluta e da negação para com o estado actual das sociedades europeias ao fim do mundo, que acontece lentamente à beira-mar, com a língua colada na areia, à procura do sorvete. É um espectáculo, assim, *escatológico*, por procurar perceber o que é o fim das coisas.

Texto: Dimítris Dimitriádis

Direcção e espaço cénico: John Romão

Dramaturgia: Mickael de Oliveira

Interpretação: Cláudia Dias, Cláudio da Silva e João Folgado

Música: Daniel Romero (.tape.)

Esculturas: Pedro Mira

Desenho de luz: Daniel Worm d'Assumpção

Desenho de som: Jorge Pina

Produção executiva: Colectivo 84

Assistência de produção: Lara Silveira

Co-produção: Colectivo 84 / Penetrarte, Murmuriu e Citemor

Apoios: Bomba Suicida, Câmara Municipal de Almada, Fundação Calouste Gulbenkian e ZDB

O Colectivo 84 / Penetrarte - Associação Cultural é uma estrutura associada da Associação Zé dos Bois (ZDB) e da Casa das Caldeiras (Coimbra).

site: <http://colectivo84.blogspot.com>

Bilheteira no Teatro Esther de Carvalho e transporte em autocarro para o local do espectáculo

> Bilhete: 10 euros Bilhete com desconto: 7 euros

(desconto aplicável a menores de 25 anos, estudantes e profissionais das artes do espectáculo)

Quinta 5 a Sábado 14 Ago 17:00/22:00 (de Quinta a Domingo) Galeria Municipal
«MUSEOS DEL SILENCIO»
ELENA CÓRDOBA e SYLVIA CALLE
co-produção, residência de criação, estreia

A partir de 2008 visitei com a realizadora Sylvia Calle vários museus anatómicos, realizando uma série de documentais que nos mostram distintas formas de representação do interior do corpo humano. Nestes museus assistimos a uma luta peculiar do homem por compreender e conservar o que é efémero e está sujeito à decomposição: o corpo sem vida.

O nosso olhar sobre estes objectos foi dando origem a uma série de peças que passeiam entre a realidade e a ficção. Uma resposta poética ao mistério que envolve os museus que visitámos. Os “Museos del Silencio” foram sendo construídos entre o olhar de Sylvia e o meu, que se uniram numa estranha harmonia, fruto da nossa longa amizade.

Elena Córdoba

“Piezas Macabras”, sobre as colecções anatómicas de Paris, Lyon e Arras
“Piezas Móviles”, sobre o Museu de Anatomia de Nápoles
“Piezas Vivas”, sobre os Institutos de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

Apoio à realização das “Piezas Anatómicas”: Ministerio de Asuntos Exteriores de España, Instituto Cervantes e Citemor
Agradecimento especial: Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Instituto de Anatomia Normal, Instituto de Anatomia Patológica, Biblioteca Joanina e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

site: <http://anatomia-poetica.blogspot.com>

>Acesso livre

Quinta 5 Agosto 22:30 Teatro Esther de Carvalho
« LA MUJER DE LA LÁGRIMA »
ELENA CÓRDOBA
estreia nacional

“La mujer de la lágrima” é fruto do encontro que eu e Sylvia Calle tivemos com as colecções anatómicas em França. É um estudo poético sobre as representações do corpo anatomizado; corpos vivos que nos convidam a olhar o seu interior. “La mujer de la lágrima” é, também, um conto anatómico construído em forma de diálogo entre o corpo e a imagem. Um conto melancólico que nos fala da nossa frágil carnalidade. O título desta peça deve-se a uma escultura de cera anatómica do séc. XVIII que filmámos no Museu do Homem de Paris. Este modelo representa uma mulher a que falta metade da cara e que chora com o seu único olho.

Elena Córdoba

“Siete piezas macabras”: vídeo de Sylvia Calle
“Danzas macabras”: Elena Córdoba e María José Pire
Textos em vídeo: San Juan de la Cruz “Cántico espiritual” e Alain “Sobre la imaginación”
Iluminação: Carlos Marquerie
Música: György Ligeti
Desenho de projecção: Ramón Diago
Fotografia: Rafael Gavalle
Apoio: Instituto Cervantes (Madrid e Paris) e Ministerio de Asuntos Exteriores

site: <http://anatomia-poetica.blogspot.com>

> Bilhete: 10 euros Bilhete com desconto: 7 euros
(desconto aplicável a menores de 25 anos, estudantes e profissionais das artes do espectáculo)

Sexta 6 e Sábado 7 Agosto 22:30 Sala B

«EL LUGAR Y LA PALABRA. CONVERSACIÓN INTERFERIDA. BEIRUT»

seguido de «IMPROMPTUS» e «TIEMPOS COMO ESPACIOS»

FERNANDO RENJIFO

co-produção, residência de criação, estreia nacional

"El exilio y el reino" é uma série de trabalhos iniciada por Fernando Renjifo em 2008 que agrupa peças de diferentes formatos e temática.

"Estas obras são aproximações, interrogações, olhares. Há nelas uma vibração entre a contemplação e a acção, onde o poético surge como umbral de um exílio interior. A construção destas obras decorreu paralelamente a experiências vitais relacionadas com aproximações a outras culturas e contextos e a universos poéticos de outros artistas (poetas, pintores, escultores). Há aqui também um questionamento implícito (ou uma afirmação) da arte e da cena como lugar.

Fernando Renjifo

«El lugar y la palabra. Conversación interferida. Beirut»

Obra criada a partir de conversas mantidas em Beirute com intelectuais, artistas e cidadãos anónimos em Janeiro de 2008, assim como da leitura de alguns poetas árabes contemporâneos relacionados com a região, como o sirio-libanês Adonis e o palestino Mahmud Darwix.

Na obra escutam-se fragmentos destas conversas assim como algumas passagens poéticas destes autores. Os discursos fragmentam-se, entrecruzam-se e descontextualizam, forçando o diálogo entre a palavra espontânea e a palavra pensada, entre a palavra da rua e a palavra poética para criar um discurso simultaneamente concreto e abstracto, histórico e íntimo, que parte de uma realidade determinada e busca a sua própria transcendência. Trata-se de uma conversa interferida, ou melhor, de uma série de conversas interferidas, pela fragmentação e sobreposição dos discursos, pela multiplicidade de línguas, pela divergência de posições, pela erupção do poético e pelos distintos valores de verdade da palavra.

Beirute aparece aqui alternadamente como um lugar muito concreto e muito abstracto. A proximidade real é dilatada com a violência, a morte, a dor, a perda e a destruição coloca os seus habitantes num lugar extremo. A história e a situação actual fazem de Beirute um lugar — mais do que qualquer outro — pensado, falado, escrito pelos seus próprios habitantes.

Uma criação de Fernando Renjifo

Com Ziad Chakaroun e Alberto Núñez

Registos sonoros de conversas em Beirute com Abbas Beydoun, Ziad Chakaroun, Chafa Ghaddar, Christian Ghazi, Ibrahim, Raif Karam, Siham Nasser y Walid Sadek

Textos projectados: Antonio Gamoneda "*Descripción de la mentira*"

Citações literárias: Adonis "*Prólogo a la historia de los Reyes de Taifas y Éste es mi nombre*", Mahmud Darwix "*Estado de sitio y El fénix mortal*" e Ibn Hazm de Córdoba "*El collar de la paloma*"

Tradução para português: Maria José Vitorino

Colaboração técnica: Pablo Pavillard

Produção: La República

Apoio: Instituto Cervantes em Beirute e Casa Árabe

Agradecimentos: Antonio Gamoneda, Federico Arbós (versão em espanhol dos poemas de Adonis), Luz Gómez (versão espanhola dos poemas de Darwix), Laura Gutiérrez, Umam Documentation & Research (Beirute), Aula de Teatro – Centro de las Artes de la Universidad de Alcalá de Henares (Madrid) e Espacio Off Limits (Madrid).

Audio: árabe, inglês e francês com legendas em português

Leituras: árabe e espanhol

«Impromptus»

“Impromptus” consiste numa improvisação de movimento a partir de um universo poético, inspirado na obra do pintor Juan Miró e do poeta José Ángel Valente. É uma obra que consiste em variações baseadas na escrita automática do corpo e da pintura. Contém uma estrutura aberta onde não se pretende a repetição e vai-se reformulando com o passar do tempo, em adequação com os espaços e os contextos.

São intervenientes, o bailarino e acrobata brasileiro Renato Linhares, que realiza um solo de movimento sem uma estrutura fixa, e a artista plástica Marta Azparren que, por sua vez, faz uma série de traços inspirados no movimento.

A palavra latina impromptus qualifica o inacabado, o difícil ou fora de tempo. É o nome que se dá a composições musicais onde prima a improvisação.

Conceito e criação: Fernando Renjifo

Performers: Renato Linhares e Marta Azparren

Produção: La República

Co-produção: Citemor

Projecto em residência de criação: La Fundación (Bilbao, 2009); Citemor (Montemor-o-Velho, 2009); La Casa Encendida – Aula de Teatro de la Universidad de Alcalá de Henares (Madrid, 2008)

Apoio: Baixo Santo do Alto Glória (Rio de Janeiro)

Realizado com o apoio: Ayudas a la Creación Contemporánea Matadero Madrid 2009 - Ayuntamiento de Madrid

Participaram na investigação: Denise Stutz, Guilherme Stutz, Alberto Núñez, Ziad Chakaroun e Mónica Valenciano.

Agradecimento: Mónica Valenciano

«Tiempos como espacios»

Obra desenvolvida em Niamey (Niger) em colaboração com dois actores nigerinos. O texto em espanhol, escrito durante uma estadia nessa cidade, recorre a notas e reflexões de vários cadernos de viagens sucessivas à África subsariana.

Este texto entrelaça-se com fragmentos de conversas do quotidiano em djerma e peul, duas das línguas locais. Estas conversas são na sua maior parte improvisadas. O trabalho corporal dos actores foi inspirado no universo escultórico de Juan Muñoz.

“Tiempos como espacios” percorre o território das contradições que se geram em qualquer aproximação à diferença.

Fala da forma como olhamos o outro e a nós próprios, dos tempos e espaços de onde olhamos e somos olhados.

Formalmente, ainda que haja uma reaproximação à teatralidade, a proposta situa-se num território escorregadio, onde se confunde deliberadamente o poético, com o documental e a ficção.

Criação, texto e espaço cénico: Fernando Renjifo

Co-criadores e intérpretes: Aboubacari Oumarou (Beto), Pituá Alheri e Alberto Núñez

Referências literárias: T.S. Eliot, J. Baudrillard, E. Levinas, P. Handke, Günther Anders y Juan Muñoz

Tradução para português: Maria José Vitorino

Produção: La República

Apoio: Casa África

Colaboração: AECID - Embaixada de Espanha em Níger; Teatro de los Manantiales (Valência) e Arène Théâtre (Niamey)

Agradecimento: Alfred Dogbé e Rodrigo Fernández Sueza

Idiomas: espanhol, djerma e peul

> Bilhete: 10 euros Bilhete com desconto: 7 euros

(desconto aplicável a menores de 25 anos, estudantes e profissionais das artes do espectáculo)

Domingo 8 Agosto 22:30 Teatro Esther de Carvalho
«NOVA CRIAÇÃO 2010»
FRANCISCO CAMACHO
co-produção, antestreia

Francisco Camacho e Bruno de Almeida exploram as diferentes potencialidades da presença na imagem e no palco. A presença e a acção veiculadas numa e noutro são trabalhadas de modo a dar a ver diferentemente, relevando a heterogeneidade, elucidando a ambivalência das figuras criadas.

São fundamentais certas lógicas cromáticas desenvolvidas em articulação com os figurinos e a iluminação. Desenvolve-se uma lógica evolutiva mas simultaneamente, ao introduzir alterações e variações, obriga-se a um reajuste do olhar, suscitando novas possibilidades de sentido.

A estrutura equaciona um "e se...?" na resolução dos materiais performativos e filmicos. Dão-se a ver diferentes possíveis, implicando também a decisão e a opção. É por aqui que se querem introduzir questões relacionadas com a ética, a dos que estão em palco e na tela mas também a dos que assistem. A ironia e a comédia estão lá, evitando-se as posições moralistas.

Direcção artística: Francisco Camacho
Filme: Bruno de Almeida
Criação e interpretação: Mariana Tengner Barros, Rafael Alvarez, Tiago Cadete e Francisco Camacho
Figurinos: Carlota Lagido
Luzes: Frank Laubenheimer
Produção: EIRA
Co-produção: Dupla Cena/Festival Temps d'Images e Citemor

A EIRA33 é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direcção Geral das Artes.

site: <http://www.eira33.blogspot.com>

> Bilhete: 10 euros Bilhete com desconto: 7 euros
(desconto aplicável a menores de 25 anos, estudantes e profissionais das artes do espectáculo)

Quinta 12 e Sexta 13 Agosto 22:30 Espaço X
«TODO LO QUE SE MUEVE ESTÁ VIVO»
seguido de «EXPULSADAS DEL PARAÍSO»
ELENA CÓRDOBA
co-produção, residência de criação, estreia

«Todo lo que se mueve está vivo»

"Todo lo que se mueve está vivo" é um estudo sobre o aparelho locomotor, centrado nos ombros, braços e mãos.

A anatomia dissecar partes do corpo em estruturas de menor dimensão para atingir o conhecimento da natureza do corpo. Assim, esta peça foi construída a partir de um estudo minucioso dos músculos, ossos, e articulações dos braços e dos seus movimentos.

Subdividimos o conhecimento e a sensibilidade dos braços, para chegar assim a um reconhecimento poético das suas acções. Cada uma destas acções está inscrita na sua estrutura.

Se efectivamente existe o que chamamos primeiro movimento, este seria a prova da geração e da corrupção, igualmente, de todos os movimentos. (Aristóteles, "El movimiento de los animales")

Penso, como Aristóteles, que o movimento supõe uma transformação. Que tudo o que se move está vivo e move-se e desgasta-se para se manter com vida.

Direcção: Elena Córdoba
Bailarinas: Camille Hanson, Carme Torrent e Getsemani de San Marcos
Iluminação: Carlos Marquerie
Fotografia: Rafael Gavalle
Assistente de direcção e cronista: Fernando Molina
Obra criada no âmbito de ETC - Espacio de Teatro Contemporáneo da Sala Cuarta Pared (Madrid)

«Expulsadas del paraíso»

“Expulsadas del paraíso” é uma fábula sobre a aceitação da passagem do tempo contada através do ventre, o primeiro lugar do corpo a corromper-se, o mais fértil e o mais fétido.

O nosso corpo, tal como o de Eva expulsa do Paraíso, caiu na consciência do tempo onde não há dois movimentos iguais, onde o ritmo não é eterno e não ordena o pulso da vida, onde cada prazer tem a gravidade do que não se repete, onde devemos usar os orifícios que abrem o nosso corpo ao mundo para continuar a viver, continuar a pulsar e continuar a ter alento.

E agora que as nossas tripas nos pesam como as de Eva quando cruzou as portas do Eden, sentimos que esta queda no tempo não é um mau castigo, ainda que pressuponha que o tempo em que nos movemos e respiramos tenha algum dia que acabar.

Elena Córdoba

Bailarinas: Montse Penela, Camille Hanson e Elena Córdoba

Iluminação: Carlos Marquerie

Direcção: Elena Córdoba

Assistente de direcção: María José Pire

Agradecimento especial pelo acompanhamento: Professor Cristóbal Pera

Obra financiada por: Comunidad de Madrid

Co-produção: Citemor

site: <http://anatomia-poetica.blogspot.com>

Bilheteira no Teatro Esther de Carvalho e transporte em autocarro para o local do espectáculo

> Bilhete: 10 euros Bilhete com desconto: 7 euros

(desconto aplicável a menores de 25 anos, estudantes e profissionais das artes do espectáculo)

Sábado 14 Agosto 22:30 Praça da República

«ARROZ NEGRO remix»

TIAGO PEREIRA

co-produção

“ARROZ NEGRO remix” é um espectáculo de manipulação áudio e vídeo em tempo real a partir do filme “ARROZ NEGRO”, realizado pelo cineasta amador José Madeira nos anos 70, nos campos de arroz do Baixo Mondego. O espectáculo insiste na ideia que o património imaterial, nomeadamente, a tradição oral na forma de lendas, contos, práticas rituais e paisagens sonoras, deve ser recuperado e divulgado. Mas enquanto documentos vivos, são susceptíveis a uma abordagem contemporânea, cruzando-se com outras artes e insistindo na remistura e no “mash up”.

Conceito de Tiago Pereira

Super 8: José Madeira

Música: Eduardo Vinhas (a partir de "samplers" recolhidos por Tiago Pereira)

Apoio: Parque Patrimonial do Mondego

Produção: Citemor

site: <http://vimeo.com/tiagopereira>

> Acesso livre

Sábado 14 Agosto 23:00 Praça da República
DIABO NA CRUZ

Uma guitarra, um baixo, um teclado, uma viola braguesa e uma bateria. Música moderna portuguesa e música popular portuguesa. Uma mostra do que Portugal foi e continua a ser. Uma minhota namorada e moderna com alguém que é mais do que um amigo. Vai ligeira. E quem lhe chama a atenção é Jorge Cruz, B Fachada, João Gil, Bernardo Barata e João Pinheiro. Dão corpo à banda Diabo na Cruz e apresentam-nos o seu mais recente trabalho "Virou". Editados pela Flor Caveira de Tiago Guillul, os Diabo na Cruz pegam nas características mais rurais do Portugal contemporâneo e usam a canção para debater um país enterrado nas suas próprias memórias.

Cláudia Teixeira

Jorge Cruz: voz e guitarra
B Fachada: viola braguesa e voz
Bernardo Barata: baixo e voz
João Gil: teclados
João Pinheiro: bateria

site: <http://www.myspace.com/diabonacruz>

> Acesso livre

<http://citemor.blogspot.com>

BLOG CITEMOR

reportagem, entrevista, crítica, documentação

A equipa do blog produz crónicas, entrevistas, ensaios fotográficos e videos.

Veículo por excelência de comunicação com os públicos, mais do que uma janela que permite o acompanhamento do festival, tem um importante papel de registo, de documentação, de ajudar a construir uma memória, ainda que subjectiva, do evento e do território que habita.

Escrita: Cláudia Galhós, Pablo Caruana Húder

Fotografia: Susana Paiva

Video: Hugo Barbosa e Pamela Gallo